

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

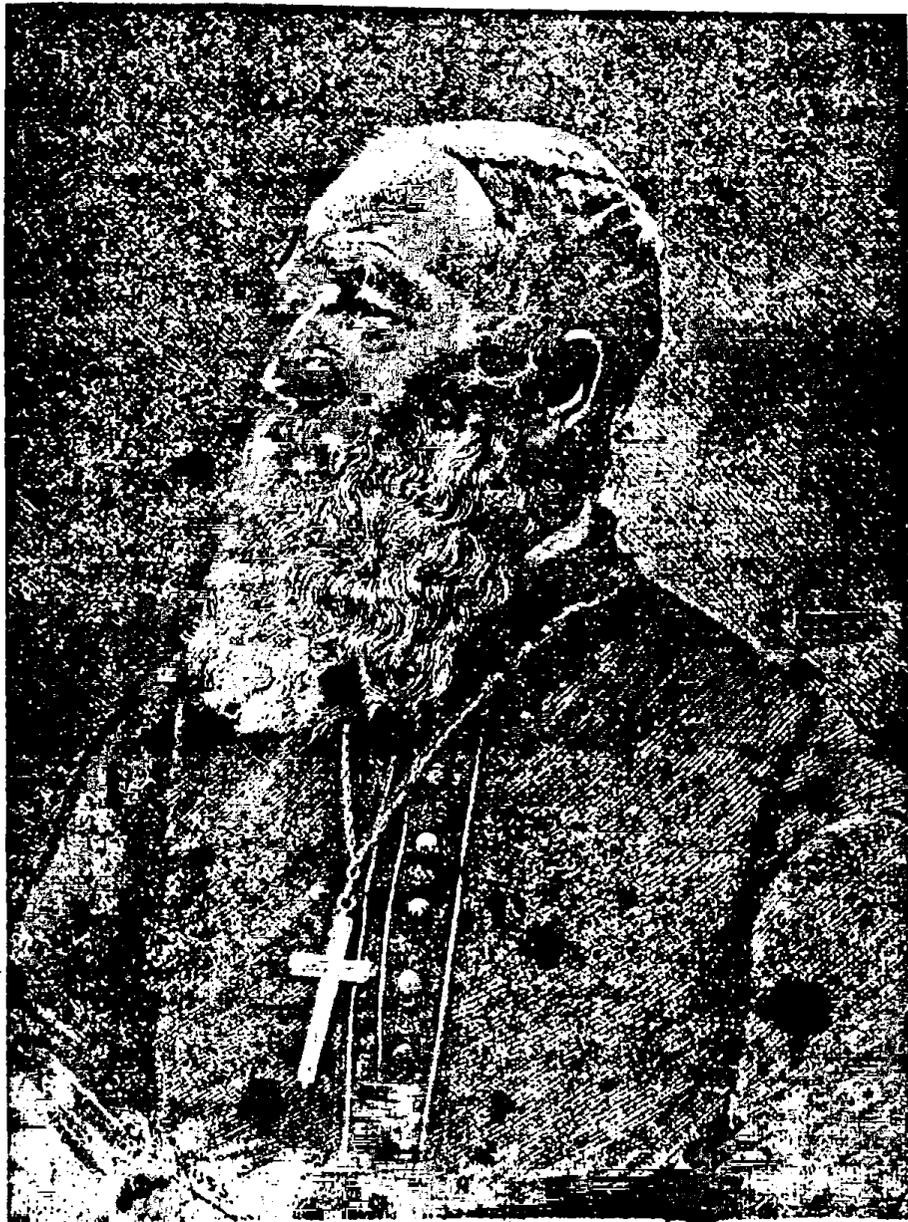
... ad ea quas sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *O venerando Arcebispo de Larissa e a imprensa revolucionaria* (continuação). — **Secção Religiosa:** *Estudos Biblicos—Analyse do Livro de Job, II*, por J. C. de Faria e Castro; *Mais noticias de Lourdes*, por M. F. — **Secção Scientifica:** *Os principios catholicos perante a razão, XIX, Institutos religiosos*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo. — **Secção Critica:** *José Carlos de Faria e Castro*, por um funchalense; *Os fructos da tal arvore*, por Elias de Sampaio; *O dia 4 de fevereiro no Seminario do Funchal*, por um amigo do «Progresso Catholico». — **Secção Illustrada:** *XX, D. Martin Grivé y Cuni, Bispo de Pert*; *XXI, Os Druidas e seus sacrificios*, por R. — **Secção Necrologica.** — **Retrospecto da Quinzena.** por J. de Freitas.

Gravuras: *D. Martin Grivé y Cuni, Bispo de Pert; Os Druidas e seus sacrificios.*



D. MARTÍN GRIVÉ Y CUNI, BISPO DE PERT

O Venerando Arcebispo de Larissa e a imprensa revolucionaria

(Continuado do n.º anterior)

As Leis da Igreja regulamentares d'este preceito divino prescrevem aos Bispos diversos meios de obter e adquirir esse conhecimento, como são as visitas amiaudadas feitas pelo Bispo à Diocese ou pessoalmente ou por delegados seus, e as indagações ou informações procuradas e obtidas quer nas visitas, quer fóra d'ellas. (1) Obstat diversas circumstancias a que visitemos a Diocese, a não ser muito paulatinamente, e outras circumstancias Nos inibem tambem de fazel-a visitar por outrem. Por isso, para irmos conhecendo as Nossas ovelhas, adoptamos o alvitre que mais se coaluna com as condições em que Nos achamos: e é o de pedirmos informações a quem Nolas pôde dar, e sobretudo áquelles que pelas relações de especial subordinação e de cooperação em que estão para com Nosco Nolas devem fornecer.

Estamos no começo de Nosso governo Episcopal, e precisamos de conhecer bem o Nosso rebanho. Não Nos bastam os subsidios e esclarecimentos encontrados na secretaria e outras repartições d'este juizo e auditorio episcopal, e que bastavam ao Nosso venerando Coadjuvado, o qual havia visitado toda ou grande parte da Diocese, e a governava ha muitos annos.

A practica de seis mezes na governação do Bispado nos mostra cada vez mais a imperiosa necessidade de Nos informarmos cuidadosa e minuciosamente sobre todos os negocios espirituaes da Diocese, a fim de conhecermos a fundo as necessidades religiosas da mesma; para Nos habilitarmos a prover a essas necessidades em tudo o que de Nós depende; e para, emfim, solicitar-mos razoavel e fundamentadamente o auxilio do governo de Sua Magestade, em ordem a serem remediados muitos males que directamente não podemos destruir, e que são contudo prejudiciaes à Religião e funestos à Sociedade.

Foi n'esse intuito e proposito que enviamos a todos os Reverendos Parochos a Nossa Circular de 7 de novembro ultimo, inquirindo d'elles, Nossos subordinados e cooperadores, as informações e esclarecimentos de que julgamos carecer. Fizemos o que ahi faz, e pôde fazer, um administrador de celho, recorrendo aos regedores, um governador civil, valendo-se dos administradores, um inspector de eschelas, pedindo relatorios e mappas, e o Governo

de Sua Magestade, abrindo inqueritos, e ordenando a estes ou áquelles funcionarios do estado que o informem sobre este ou aquelle assumpto. Fizemos o que esteve sempre em praxe fazer-se n'este Bispado e nos demais do paiz. e se acha prescripto nas Constituições de todos elles (1).

Apezar, porém, da rectidão e pureza de Nossas vistas e designios, houve quem interpretasse, ou fingisse interpretar, a Nossa mencionada Circular no sentido de Nos propormos a devassar as consciencias, a entrar nas vidas privadas e a promover mal entendidas denuncias.

Longe e bem longe de Nós estiveram essas intenções sinistras, que aleivosamente Nos quizeram imputar. Quem, com animo despreoccupado e sem espirito de malevolencia lèr a Nossa referida Circular, reconhece logo à primeira vista que pedimos aos Parochos, e mesmo a outras pessoas, as informações e esclarecimentos de que necessita qualquer Prelado para o bom regimen da Diocese; esclarecimentos — note-se bem — que versam todos sobre coisas publicas e notorias nas respectivas freguezias. Affirmar, porém, ou sequer suspeitar desde logo, que houvessemos talvez de fazer mau, e não bom uso, d'esses esclarecimentos é temeridade grande e bem gratuita injustiça.

Pois, por exemplo, porque quizermos saber quantas pessoas em cada freguezia vivem em união illicita de homem com mulher, poderá acaso d'ahi concluir-se, ou sequer imaginar-se que houvessemos de agravar por qualquer maneira a desairoza situação d'essas pessoas, cujos nomes nem pedimos, nem necessitamos de saber na maioria dos casos? Poderá alguém com razoavel fundamento temer-se sequer de que tivemos em vista causar a essas pessoas algum damno temporal, ou mover-lhes alguma perseguição, quando mesmo não dessem por finda, ou não sanctificassem pelo Sacramento essa união illegitima? Alem de que tudo quanto se pareça com perseguição ou com processos violentos está muito fóra não só do espirito e das actuaes conveniencias do Nosso Ministerio, mas tambem dos nossos habitos e tendencias naturaes, com que meios materiaes pôde contar um Prelado para coagir os leigos a abandonar essa vida tristissima e peccaminosa?

Não quizermos levantar a denuncia, nem o devassamento da vida occulta e intima, mas sim ter esclarecimentos verdadeiros sobre actos publicos, para fins muito justos e altamente religiosos e sociaes.

A base fundamental da sociedade é a familia, amados filhos em Jesus Christo; e o matrimonio é esse grande Sacramento em Christo e na Igreja (2), que une para sempre os conjuges, formando de ambos como uma só individualidade, abençoada por Deus, levantada e ennobrecida perante a sociedade. Os filhos nascidos d'esses laços, tão sanctos, são a honra e a perpetuação da familia: são, emfim, legitimos perante as leis divinas e humanas.

E o que são o homem e a mulher que vivem unidos sem a sanctidade do matrimonio? São dous entes sempre desunidos, que se não amam pelas legitimas seduccões do espirito, nem pelos encantos da pureza, e que apenas se deixam fascinar pelas fugazes tentações da sensualidade. E a sociedade dá-lhes um nome, que importa um aviltamento.

Os filhos nascidos de taes affectos levam sempre comsigo essa mancha de origem, e até, em rigor juridico, não podem chamar paes aos auctores de seus dias, pois a lei civil nem legitimidade dá a essas gerações inculpadadas.

A Religião e a Igreja consideram e classificam o concubinato e a mancebia como um estado habitual de peccado mortal, e uma fonte de males e escandalos sociaes, que o Parocho em sua freguezia e o Prelado em sua Diocese devem procurar extinguir por meio de efficazes e opportunos remedios.

E quando o Prelado e o Parocho fal-tassem a tão imperiosos deveres, tornar-se-iam muito culpados não só perante Deus, e não tambem perante a sociedade; pois importa que ambos atendam pelo bem e até pela civilisação e progresso da Diocese e da freguezia. Os bons costumes são os fundamentos d'esse desejado progresso e civilisação, e os bons costumes nunca existem, quando faltam a castidade e as demais virtudes christãs.

(Continúa).

SECÇÃO RELIGIOSA

Estudos Biblicos

Analyse do Livro de Job

II

O GENIO do mal havia respondido ao Senhor, dizendo Job teme a Deus, é inegavel; elle é virtuoso, mas a tua mão poderosa prodigalisou-lhe todos os beneficios; concede-me que eu extendida a minha sobre elle, que eu po-

(1) Vid. o Conc. Trid. e a Constituição do Bispado em muitos logares.

(1) Constituição do Bispado de Lamego: Livr. V, tit. 21, cap. 1 e 2; Livr. VI, tit. 8.º cap. 3.º; e n'outros logares.

(2) Sacramentum hoc magnum est; ego autem dico in Christo et in Ecclesia. Ephes., V, 32.

nha a sua virtude em soffrimento, e então tu julgarás se Job na verdade é fiel às tuas leis.

Deus concede então a Satanaz a licença que elle lhe pede, dizendo, porém, «mas guarda a sua vida.» E logo o Espírito desce à terra para destruir a fortuna de Job: no mesmo dia, á mesma hora, vem uns mensageiros a Job e dizem-lhe que elle vinha de perder todos os seus filhos, todas as suas colheitas, todos os seus rebanhos, tudo o que fazia a sua riqueza e a sua alegria.

Job humilia-se, e prosterna-se ante Deus, e, na sua afflicção profunda, só profere as seguintes palavras cuja memoria tem sido recolhida por todos os seculos.

«Nú saí da terra, e nú tornarei para a terra: o Senhor o deu, o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim succedeu: bemdito seja o nome do Senhor.»

Tamanhos males não lhe arrancam um só murmurio:

Até então—diz o historiador sagrado—não peccou Job pelos seus labios, nem fallou cousa alguma indiscreta contra Deus.

O anjo da noite, confuso, remonta logo para o Ceu e apresenta-se outra vez perante Deus. O Eterno diz-lhe:

«Não tens considerado ao meu servo Job, que não ha outro similhante a elle na terra, varão sincero e recto, e que teme a Deus, e que se retira do mal, e que ainda conserva a sua innocencia? Mas tu me tens incitado contra elle, para o affligir em vão.»

O Espirito responde:

E' certo que Job conserva ainda a sua innocencia; mas consente que eu o fra ainda, e tu julgarás se elle era merecedor da tua bondade.—Vae—diz o Todo-Poderoso—dou-te licença de o castigares com mais desgraças.

O anjo das trevas corre veloz, a estender a sua mão funesta contra o virtuoso patriarcha, e cobre o de uma ulcera maligna que lhe devora todos os seus membros e lhe causa os mais atrozes soffrimentos. E quando Job, assentado n'um monturo, não tem para limpar a podridão vertida das chagas, senão um pedaço de telha ⁽¹⁾, sua mulher, a quem fallece a fé, com este acrescimo de soffrimento, lhe pergunta com uma cruel ironia, com o sarcasmo do desespero, se elle continuava disposto a bemdizer o nome do Senhor. Job, o paciente, responde-lhe:

«Fallaste como uma mulher insensata: se nós temos recebido os bens da mão de Deus, porque não receberemos tambem os males?»—«Em todas estas

cousas não peccou Job com os seus labios.»

O escriptor sagrado accentua estas palavras e repete-as por duas vezes, afim de despertar o leitor e chamar-lhe particularmente a attenção para o que constitue a materia do poema; isto é, para que se observe se Job perseverará na sua constancia e se sustentará novos soffrimentos com equal força de animo, com a mesma reserva e a mesma moderação.

* * *

O soffrimento continua a consumir Job; e entre os que ouvem fallar d'esta immensa dôr, Job conta alguns amigos distinctos.

Elles, convencidos, como Job, da omnipotencia e da justiça de Jehovah, que julgarão pois dos golpes descarregados pela mão divina? Não será isso talvez para Job uma origem de outro acrescimo de dôr e de provação? E' verdade que Job abafou a voz da incredulidade grosseira que lhe fallou pela bocca de sua mulher. Mas se a propria piedade, na pessoa dos seus amigos, chega reforçada contra a sua fé, esta resistirá acaso a esse outro assalto? Atravessará ella acaso intacta por entre este ultimo fogo?

Os tres amigos que vem visitar Job, formam com elle como que uma especie de confraria ou aristocracia social, intellectual e religiosa, no centro de povos circumvisinhos que parecem pertencer a um grau de cultura muito inferior ao d'elles. Estes varões illustres eram ricos, exercitados na arte oratoria, monotheistas e semitas, ao passo que os habitantes d'estas regiões eram, pobres, labrúscos, idolatras.

Assim parecem ter sido Job, antes de ser precipitado no abysmo do infortunio, Elifaz de Theman, Baldad de Suhas, Sofar de Naamath esses tres amigos de Job, e mais tarde de Eliu.

* * *

Ao aspecto dos soffrimentos de Job, elles recuam e pasmam: elles, guardam desde logo um silencio terrificador. Mas a piedade d'estes homens vae transformar-se em suspeitas, e essas suspeitas rebentarão em accusações impertinentes, em invectivas cruéis. E' d'aquí que provem a materia do poema.

Mas afinal Job, como visse um mau presagio no silencio que guardavam os amigos, quebra-o elle mesmo. E a sua palavra é como o relampago do trovão no meio de uma athmosphera densa e carregada de vapores:

«Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem.»

Pois não é para pasmar o contraste entre o modo d'esta exclamação e a ultima palavra de Job no prologo? Este contraste é evidentemente motivado pela attitude affrontosa e cheia de accusações secretas dos tres amigos.

Após o primeiro discurso de Job, cada um dos amigos falla tres vezes; Job replica logo a cada um. Só no ultimo turno, Sofar, o terceiro, deixa de fallar, como demonstração de derrota em convencer a Job, e este falla por tres vezes, como para confirmar que é elle o triumphante!

* * *

O que diz Job da primeira vez que falla? Job exprime em termos eloquentes e lamentosos o horrivel da sua situação. Job amaldiçoa o dia do seu nascimento, o leite que o nutriu, os carinhos que lhe fizeram. A morte é-lhe preferivel á ira de Deus.

* * *

Elifaz exhorta-o á paciencia, mas lançando-lhe em rosto a sua fraqueza, e, lançando-se em considerações genericas sobre a justiça divina: elle accusa Job, embora indirectamente, de haver commettido qualquer grande peccado!

A eloquencia d'este amigo, é florida, mas vaga e verbosa; o que elle diz não toca o coração; não o satisfaz...

Por uma gradação que põe em evidencia a arte do poeta, observa-se mais energia no discurso do segundo interlocutor. Baldad exprime bem alto o que Elifaz ousa apenas pôr a meio descoberto: elle apresenta como principio um dogma em uso entre os Judeus, a saber: que a justiça divina não castiga nunca o innocente; elle conclue dizendo que se Job é infeliz, porque vira perder os seus filhos, destruidas as suas colheitas, a causa de tudo isso provem o ser elle um grande peccador.

Sofar, o terceiro interlocutor, accusa Job de orgulhoso, erroneo e calumniador, porque Job se defende contra as accusações dos tres amigos, lançadas contra elle. Mas Sofar roga-lhe que volte a sentimentos mais sadios, a um proceder mais puro.

Sofar, como Elifaz e Baldad, discorre sobre a manifestação incessantemente estrondosa dos juizos de Deus contra os maus e os impios, sobre a perda certa que o Senhor reserva aos hypocritas, atacando, portanto, a Job, de um modo, embora indirecto, evidente.

Percebe-se perfeitamente, que philosophando assim os amigos, elles expõem a theoria seguida no seu tempo, que não admite outra regra para a repartição dos males humanos senão o quantum das culpas de cada um.

Pobre Job! Celebrar em sua presença,

(1) Propria expressão da Escripura.

n'esse sentido, a justiça divina, é apunhalal-o; é matal-o.

E elle, como procede n'esta terrívelissima situação? E' o que os benevolos leitores verão demonstrado no meu proximo estudo.

(Continua)

J. C. de Faria e Castro.

Mais noticias de Lourdes

PARA O piedoso coração do actual magnanimo Pontífice é Nossa Senhora de Lourdes objecto de estremada dilecção, que outra coisa não podera ser, visto alçarem-se as maravilhas de Massabielle mui acima dos mais heroicos e assombrosos feitos consignados nos altamente brilhantes annaes do christianismo. O discipulo amado, ao engastar as ultimas letras d'oiro no seu sublimissimo Evangelho, exclama: *Muitas outras coisas praticou Jesus, as quaes, se todas uma por uma se escrevessem, creio não poderiam caber no mundo os livros que as houvessem de contar.* Ah! O amavel Salvador quiz que nos portentos de Lourdes fosse de perto imitado por Sua Mãe Immaculada. APENAS TRINTA ANNOS se hão volvido sobre a primeira Apparição, realisada em 11 de fevereiro de 1858, e na margem esquerda do Gave levantou-se à custa das offerendas espontaneas dos humildes um monumento architectonico que se equipara na sua grandiosidade, surpreendente elegancia e esplendoroso ornamento, aos mais notaveis de que justamente se orgulham as nações.

Uma cidade risonha renasce desde os alicerces em torno do ponto marcado pela Rainha dos céos para um templo elevado em sua honra; as formosissimas e quasi celestiacs imagens de Maria, aureoladas do immortal diadema *Eu sou a Immaculada Conceição*, cujo typo não poderam encontrar nem os es copros de Julio Romano, Canova ou Miguel Angelo, nem os magicos pinceis de Domenichino, Raphael, Ticiano ou Murillo, acham se hoje espalhados por todos os imperios, reinos, provincias e cidades do mundo, com uma magestade, uma singeleza, uma correcção, um irresistivel e sobrenatural attractivo, attingido tão sómente depois que uma inlouta e rude montanha descreveu no seu aspero dialecto as impressões gravadas em sua alma pela Visão, de-soito vezes repetida, da OBRA PRIMA de Deus! Qual é a familia, qual é o crente, em cujos aposentos se não vê, suspenso da parede ou encimando o leito, cercado de flores e illuminado de cirios, o quadro encantador da Virgem

de Massabielle, deante do qual a donzella implora em lagrimas força para a tentação, a mãe reúne os filhinhos em oração pelo esposo ausente, o nú, o desvalido levanta as mãos e exclama: *Rogae por nós pobres*, tendo confiança firme que lhe virá soccorro d'Aquella que é a Vida, a Esperança nossa?

Oh! o nome da pequena cidade, esquecida n'uma escabrosidade dos Pyreneos, como um traste poido e gasto ha de cantar-se e immortalisar-se na terra a par dos nomes abençoados de Bellem, Nazareth e Loretto.

Razão ha pois para a veneração acrysolada que o Santo Padre dedica a Nossa Senhora de Lourdes, e para clamar como em 30 de dezembro ultimo, ao receber o veneravel Padre Sempé: «Ah! -ob a protecção da Virgem de Lourdes, levam-se a termo emprezas que assomboram!»

Por sua parte, Lourdes não deixa de lhe retribuir amor com amor. No Jubileo Sacerdotal, os sinos harmoniosos da Basilica enviaram suas notas cadenciais aos montes de contorno; as immedições do rochedo santo empavezaram se de flammulas com as côres pontificaes; mil fasciculos de luz irradiavam d'aquelle centro de fé como d'um astro scintillante; as multidões compactas, n'um trisagio de amor, de envolta com as estrophes do *Te Deum*, ou do *Tu es Petrus*, deixavam exalar do coração os nomes que ha dezenove seculos são a força e o enlevo dos crentes: DEUS, A VIRGEM, O PAPA. Ao sentir d'aquelle nucleo de almas, subido espontaneamente ao mais puro e elevado grau do entusiasmo, a propositalmente quadravam as vozes do Profeta inspirado: *Ecce quam bonum et quam jucundum, habitare fratres in unum.* Que momentos do céo, que dia de amostra dos que nos aguardam na eternidade, não fruiram os venturosos moradores e peregrinos da cidade estremada de Maria!

Que não foi só dia, foi tambem noite. Em Lourdes ora-se por junto, e não a retalho, que alli á alma ampliam se-lhe as forças para como aguia desferir ousados vôos nos páramos infinitos do amor de Deus. Ao pender da noite uma voz dedicada lembrou adoração perenne deante do Rei dos reis até além da alvorada. Como por encanto, com o fervor dos tempos primevos da Igreja, cento e trinta homens e noventa e cinco mulheres, pediram a honra de ficarem de guarda ao throno do Deus Vivo. e certo que os Anjos do Sanctuario não perderam a conta ás preces multiplicadas e ferventissimas que alli se en-dereçaram em prol do logar-tenente de Christo, e ao soar nos sinos da torre a ultima badalada da meia noite, quando um anno se afundia na voragem do

passado e outro assomava na aresta do futuro, que doces emoções effervesce-riam n'aquellas almas apaixonadas pedindo ao Senhor dos exercitos superarse o poder do inimigo e partisse as al-gemas que acorrentam o pae commum dos fieis!

Eis pois o extremo com que mutuamente se amam a Roma papal e a cidade de Maria.

Fevereiro 11—88.

M. F.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XIX

Institutos religiosos

(Continuado do n.º 4)

TANTAS guerras e transtornos produziram effeitos lamentaveis para o estudo das sciencias, que ficou entregue ao zelo dos religiosos, e estes viram-se obrigados desde o seculo VII a encarregar-se do ensino publico, e particularmente de educar os ecclesiasticos seculares abrindo eschololas nos seus mosteiros, unico refugio das letras.

Carlos Magno precisou dos bispos (1) e dos monges para restabelecer o amor aos estudos, e elle mesmo aprendeu rhetorica, dialectica e astronomia com o celebre Alcuin (2).

No seculo X a ignorancia achava-se tão generalizada, que só nos mosteiros se poderam conservar as sciencias, motivo pelo qual se chamava *bom clérigo* ao homem sabio e illustrado, e Henrique I de Inglaterra deveu aos seus conhecimentos litterarios o nome de *beau clerc*.

O estado monachal resumia toda a illustração d'aquella epocha, em que as sciencias eram imperfeitamente conhecidas, e os monges foram o fóco da illustração, que havia de estender-se pelo mundo. No mosteiro do Monte Cassino educava-se a principal nobreza italiana, que preferia o estudo ao bullicio das armas, e d'aquelles claustros saíram pontífices e prelados, escriptores e sabios distinctos (3). As artes, finalmente, devem aos monges grandes

(1) A maior parte dos bispos sahia dos mosteiros.

(2) Albino Alcuin foi o fundador da universidade de Paris.

(3) «Achavam-se estabelecidas nos mosteiros a maior parte das eschololas, cujo ensino era dado pelos monges; a sciencia e a piedade encontravam o seu asylo n'aquelles logares... Conservam-se livros antiquissimos, que eram copiados para augmentar o numero de exemplares.»—Fleury, *Discur.* 2 e 3.

adiantamentos pela sua perseverança no trabalho e notaveis invenções.

Aos mosteiros deveu a agricultura grandes adiantamentos, porque os monges desmoitavam terrenos agrestes e aridos, arroteavam os campos, dessecavam os logares paludosos, plantavam arvoredos, e com a sua admiravel actividade transformaram desertos solitarios, bosques que eram guarida de feras e de bandidos e pantanos insalubres em granjas amenas, ferteis e productivas. Elles, emfim, explorando e aproveitando as aguas para regar as suas hortas e jardins, foram os primeiros que ensinaram as vantagens da canalisação como força motriz para a economia nos transportes e no progresso da agricultura.

Estes beneficios chegaram igualmente à Hespanha, onde o viajante que visita as derruidas abbas da Galliza, as de Jerez, Guadalupe e outros pontos, ainda encontra vestigios e vivas recordações d'esses immensos beneficios, observando os trabalhos colossaes emprehendidos para tornarem cultivaveis terrenos que ainda revelam a sua primitiva situação e o perseverante esforço empregado pelos monges n'aquelles sitios agrestes, povoados hoje de casarías, aldeias e villas florescentes. A sombra protectora dos mosteiros chegaram a criar-se cidades. As abbas foram de grande utilidade, ainda para a prosperidade material, diz sabiamente Fleury (1), porque a ellas deveram grande progresso e florescencia a Saxonia, Turingia, Baviera, Suissa e França (2).

E se foram grandes os serviços do clero e das corporações religiosas a favor da illustração da Europa, de summa importancia foram os bens dispensados á humanidade brutalmente opprimida em seculos de tanta rudeza e ignorancia.

A opinião de Cesar Cantu sobre este ponto historico não é menos illustrada que imparcial: «O clero dedicou-se ao melhoramento dos costumes da classe infima, para o que poz em pratica a doutrina que pregava. Principiou por abrir as suas fileiras aos escravos, que fazendo-se sacerdotes, faziam-se eguaes ao seu senhor em classe e superiores em caracter, e podiam elevar-se até ao grau supremo... quanto não deviam compadecer a pobre

plebe os pobres sacerdotes, que, participando dos seus trabalhos, tinham comido do seu pão, e que tinham n'ella seus irmãos?»

A escravidão foi constantemente condemnada pelo clero, e a opinião da Igreja catholica sobre este ponto manifesta-se com evidencia nas seguintes phrases do Papa S. Gregorio Magno: «Assim como o nosso Redemptor quiz revestir-se de formas humanas para partir as cadeias que nos algemavam e restituir-nos a liberdade primitiva, assim tambem é conveniente e salutar que os que foram criados livres pela natureza, e submittidos á escravidão pelas leis humanas, sejam restituídos á liberdade natural pela manumissão (1).»

O Papa Zacharias libertou todos os escravos comprados no seu territorio pelos venezianos, reembolsando-os das sommas empregadas em commercio tão cruel. Conta-se que S. Ausgario combatia energicamente este trafico deshumano; que o abade Esmaragdo prohibiu a escravatura dos prisioneiros, aconselhando Carlos Magno a que pozesse em liberdade os seus; e Jonas, bispo de Orleans, maravilhava-se de que servos e senhores não fossem eguaes.

O mesmo historiador refere uma decisão do concilio de Calcuth (2), mandando que á morte do senhor fossem emancipados os seus escravos (3).

Entretanto não se logrando extirpar a escravidão por causa do interesse do feudalismo, o clero catholico esforçou-se em melhorar a condição d'aquella infeliz classe, recebendo as igrejas como servos «aquelles que opprimidos pelos senhores consideravam como liberdade o arrastar cadeias escolhidas por elles (4)...» e os oblatos formaram tres categorias, das quaes a primeira, completamente livre, recebia protecção nos seus bens e pessoas do mosteiro cujos privilegios e temporalidades devia defender; á segunda classe pertenciam os consuaes, que pagavam certo canon, e só eram escravos os *ministeriumes*, mas escravidão suavizada pela caridade, que só exigia um trabalho moderado tres dias na semana em beneficio dos amos, aproveitando o servo os restantes para fazer d'este modo o seu pecunio, que lhe facilitava redempção prompta e segura.

Não podendo a Igreja abolir a escravidão suavizou as condições d'ella, e por esta causa foi tão grande a affluencia de gente aos altares, que a lei teve de pôr um limite (5).» Foram

adoptadas varias decisões em diferentes concilios provinciaes para modificar a escravidão; mas o Concilio III geral emancipou formalmente todos os servos que receberam o baptismo, e milhares de infelizes partiram as cadeias que os algemavam.

Tem, pois, a nossa sancta Igreja catholica a gloria de se ter sempre opposita á escravidão, que é o mais horrivel ultraje committido contra a desgraçada humanidade. Criou-se no seculo XII um instituto religioso com o nobre e heroico fim de redimir captivos, que, com a invocação da Sanctissima Trindade foi approvedo e ardentemente protegido por Innocencio III. O pontifice Gregorio IX, inimigo zelosissimo da escravidão, approvou no seculo XIII a distincta Ordem Mercenaria, fundada com o mesmo intuito, e ambas estas corporações livraram da repugnante escravidão muitos seres infelizes.

Dava-se liberdade aos escravos quando se inutilizavam; e estes seres, sem abrigo, sem recursos nem alimento, pereciam de miseria. Em seu allivio e soccorro abriu o clero numerosos asylos, que proporcionaram a tantos infelizes manutenção segura, ensino moral e commodas enfermarias. Os mosteiros gastavam as suas riquezas com os pobres, e destinando á decencia do culto e cumprimento das funcções o quanto era necessario, só se reservavam a parte mais precisa para as suas modestas necessidades temporaes.

Não menos compassivos se mostraram o clero e os institutos religiosos no cuidado e assistencia d'aquella espantosa enfermidade, hoje felizmente apenas conhecida. Dos paizes orientaes saiu um padecimento horrivel, que alastrando-se por toda a Europa, foi cobrindo de asquerosa podridão os campos, aldeias e cidades, pois a repugnante lepra levava o horror e o espanto a todas as condições da sociedade. Contra estes enfermos desventurados foram dictadas leis rigorosas, que faziam mais terrivel a sua triste situação, porque eram separados do commercio humano, isolando a sua desgraça, e em solitarios desertos padeciam barbaramente abandonados á desesperação de suas dores e miseria.

Mas bem depressa a caridade catholica acudiu em soccorro d'estes infelizes, recolhendo os enfermos da lepra em caritativos lazaretos, e em tão immensa desventura houve piedosissimos religiosos que curavam com edificante zelo os membros corrompidos e as pestilentas ulceras dos doentes. Para tão sancto fim creou-se uma Ordem especial, chamada de S. Lazaro, bem como no Delfinado houve de fundar-se a de S. Antão para assistir aos enfermos repugnantes do padecimento a quo cha-

(1) Disc. 3, num. 22.

(2) Corbia e Bremen: Frizlan e Herfeld: Salzbourg, Frizengue e Eschstel: São Galo e Kempton: Lexenil, São Cloud e Abbeville e outras muitas povoações francezas e allemães deveram a sua origem aos mosteiros. De igual origem ha muitos povos em Italia, na Prussia e na Polonia. E em Hespanha a maior parte das villas foram creadas ao redor das igrejas e dos conventos.

(1) Cantu, tom. III, pag. 726.

(2) Inglaterra.

(3) Cantu, tom. III, pag. 728.

(4) Cantu.

(5) Cantu, *Historia*, tom. III, p. 728.

mavam fogo sacro. O concilio III de Latrão censurou o rigor com que eram tratados os leprosos, declarando que a Igreja era a mãe de todos os fieis, sem exclusão dos christãos que por se verem accommettidos d'uma enfermidade não se tinham tornado indignos de viverem entre os seus similliantes afortunados.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO CRITICA

José Carlos de Faria e Castro

(ESCRIPTO SEM PREMEDITAÇÃO)

I

REMETTO-LHE, benemerito director do «Progresso Catholico», uma meia duzia de traços biographicos para que elucide o seu publico com relação ao caracter d'um dos collaboradores da sua estimada revista, e filho da Madeira. Peço-lhe que, uma vez que possa, os faça publicar ahí mesmo, onde aquelle nosso conterraneo expõe pela fé christã, e na defensão da Igreja e do Papa, os melhores principios.

Conscio da sua verdade, é de justiça que os leitores do «Progresso Catholico» conheçam mais de perto, e por este meio, o portuguez estudioso, o catholico convicto emfim, que escreve para elles, mas que, todavia, longe de nós todos, vive ha 18 annos, em terra alheia!

Desculpe, meu caro e mui digno director, o estilo solto d'estas minhas linhas; dizendo-lhe com franqueza, que nunca a minha obscura penna teve geito para esboçar quaesquer biographias; não deixando de notar-lhe que esta, embora me seja de grande apreço traçal-a, a dou quasi acabada por outras mãos. Como vae vêr, muitas classes d'homens, como conselheiros d'Estado, deputados, jornalistas, etc., etc. para ella fizeram alguma coisa; e mesmo quando tenha ella de sair uma manta de retalhos, o seu conjuncto harmonico, e vivo, é já bastante para por si só fallar, e dar o preço á qualidade da fazenda que não carece ser inculcada por outrem.

* * *

O snr. José Carlos de Faria e Castro (filho d'outro natural da villa da Ponta do Sol, Ilha da Madeira), nasceu na parochia de Santa Maria Maior da cidade do Funchal, a 8 de dezembro de 1835.

Seus paes deram-lhe por devoção por madrinha, *nossa Senhora do Socorro*; o orago da igreja onde elle foi baptisado...

Embora nascido no Funchal, o snr. Faria e Castro conta-se como natural da villa da Ponta do Sol, d'onde é originaria a sua familia: os Farias e Castros perfazem ali na aldeia meia duzia de cazaes honestos.

Lê-se n'um livro escripto em lingua-gem amena e seductora, publicado ha annos em Lisboa, o seguinte trecho ácerca das familias da *Ponta do Sol*: «Ha em todo o concelho bastantes familias de antiga nobresa, sendo as principaes—a dos Heredias, a dos Andrades, ligada com os Farias, Abreus, e Cavalleiros—e as dos Farias e Castros—da qual um dos mais distinctos representantes é o snr. José Carlos de Faria e Castro escriptor primoroso, que reside actualmente na Russia...» (1).

Indicando-lhe seus paes, quando elle ainda em mui tenra idade, a vida ecclesiastica como a que porventura mais lhe conviria, e posto com este fim nos estudos do lyceu e seminario do Funchal, o snr. Faria e Castro quando quasi habilitado para tomar Ordens Sacras desenganou-os muito modestamente, dizendo-lhes: «Queridos paes! gostamos muito da vida ecclesiastica, mas fiquem certos que não temos vocação sufficiente para ella!»

Então, era o que sentia o estudante, e o que elle a todos exprimia. Isso mesmo o repetira, o snr. Faria e Castro a um dos seus antigos condiscipulos, e então mestre, ao chorado D. Ayres d'Ornellas, illustre arcebispo das Indias Portuguezas, de respeitosa memoria!

* * *

Em 1862 saia da Madeira pela primeira vez para Lisboa, o snr. Faria e Castro; e demorando-se no reino tres annos, visitou então o Porto por occasião da exposição internacional de 1863, e muitas povoações circumvisinhas; e bem como a Batalha, Mafra, Thomar, Leiria, Cintra, Santarem, Setubal, Coimbra, Aveiro, etc., etc.

No correr dos annos de 1863, 64 e 65, era o snr. Faria e Castro um assiduo frequentador das tribunas das côrtes: aqui ouvira a eloquencia oratoria de muitos distinctos oradores d'então como Pinto Coelho, Rebello da Silva, Casal Ribeiro, e outros; e a Vieira de Castro flores de rhetorica, a Santos Silva argumentação fina e espirituosa, a Thomaz Ribeiro portuguez ameno e nítido, a Barjona de Freitas linguagem fluente e verbosa, emfim.

(1) *Na Madeira*, com uma introdução da Ex.^{ma} Snr.^a D. Guiomar Torrezão e uma carta-prologo do Ex.^{mo} Snr. Dr. Luiz Antonio Gonçalves de Freitas: Por Marianna Xavier da Silva.

De volta á Madeira em 1866, occupa o snr. Faria e Castro um papel modesto na redacção do *Noticioso*, folha semanal do Funchal, dirigida por Augusto Cesar de Freitas, um antigo redactor, hoje fallecido, de uma gazeta importante de Lisboa, *O Conservador*.

Porém, a collaboração do snr. Faria e Castro no *Noticioso* não era então mais do que a inserção ali de artigos de campanario. Toda a casta de melhoramento pedia elle apaixonadamente ao governo, para a sua pequena patria—a Ponta do Sol. Essas rogativas, embora feitas ha 20 annos, não deixam de apresentar o cunho caracteristico das necessidades que ainda hoje cumpria a um governo alinado prover para a Madeira, sem perda de tempo... Ellas eram concebidas como que de um modo ingenuo; mas emfim, mui accentuadas.

Eis uma, por exemplo:

«Supplicamos aos poderes publicos que por compaixão olhem para as urgentes necessidades dos povos do concelho da Ponta do Sol: todos os caminhos do concelho que conduzem ás serras, onde vae o povo a toda a hora do dia e da noite buscar as lenhas e os matos para a sua vida domestica, se acham obstruidos, todos cheios de cavoucos, intransitaveis, emfim. Obras publicas ali, não as faz os governos desde o tempo de Noé! E' triste que o dinheiro dos impostos de cá, em lugar de ficar na Madeira, siga pontualmente para o erario central do governo de Lisboa. E' para pasmar uma tal avidez, como uma tal incuria governamental!...»

Eis outra: «As serras do concelho da Ponta do Sol, como em geral todas as serras da Ilha, estam já hoje completamente despidas de lenhas para os gastos dos pobres camponios d'esta localidade, que já nem o comer podem fazer por falta d'ella; e que se note que os nossos camponios sómente fazem lume em casa duas vezes em cada dia: o madeirense camponio só faz comer para o almoço e para a cea! E' força, pois, que o governo olhe quanto antes para essas nossas serras todas nuas, mandando semeal-as de arvoredos! Mais caridade! Senhores representantes em côrtes!...»

Mais outra: «Assim como o Estado prefere vêr correr noite e dia para o mar tanta abundancia d'aguas que se despenham das serras, que podiam por meio de levadas vir fertilisar aquelles deliciosos campos productivos do bello concelho da Ponta do Sol, assim os seus representantes aqui, e os nossos em côrtes, vão deixando arruinar-se inteiramente muitas igrejas e capellas das mais indispensaveis, quer na cidade, quer pelos campos. A referir-me uni-

camente ás do concelho da Ponta do Sol, que volvam os olhos para as ruínas da capella de Santo Amaro, para a da Senhora do Livramento, para a do Monte, das Terças; e para a de S. Sebastião da villa, emfim. E' tempo, pois, o fazer-se alguns concertos n'estas casas do Senhor! . . .

Emfim, uma quarta palavra, bordão, para as occasiões mais apropriadadas, era o reverso d'aquella celebre medallha apresentada pelo snr. Fontes Pereira de Mello, e a sua grei: *O Povo pôde e deve pagar mais!* . . .

Eis como este enunciado elastico, fazia raciocinar para o povo o snr. Faria e Castro: «Illa estadista em côrtes, que tem ousadamente avançado á face da representação nacional que o *povo pôde e deve pagar mais!* é por isso que impostos sobre impostos lançados a esmo sobre o povo da Madeira lhe vão já tirando a pelle. Os madeirenses não podem já com tanto. Eu por mim, irei repetindo aos povos do meu concelho da Ponta do Sol, como é de esperar que outros repitam pelos demais da Ilha: *O Povo* (ao menos o da Madeira) *não pôde, nem deve pagar mais!* Estou no meu direito dizel-o; e creiam que o digo de boa fé!»

Acaso é isto uma linguagem revolucionaria, ou, o que é o mesmo, republicana? O snr. Faria e Castro nunca pertenceu, nem na Madeira, nem fóra d'ella, a nenhuma facção desordeira. Elle, como os seus, na sua terra, é muito estimado. E então na Madeira, não havia ainda partido republicano, como hoje o ha.

Nos paizes representativos, como Portugal, lembrar aos governos cordatamente as necessidades publicas, não só é um dever civico, senão é de rigor o fazel-o todo o homem de bem; é uma coisa para louvar e apreciar-se! Pois não é?! . . .

E' certo que nem regeneradores, nem progressistas, fizeram caso d'aquellas *coisitas escriptas* por quem era melhor conhecedor das coisas da Madeira do que os proprios ministros: as serras não foram semeadas, nem os ministros deixaram de mandar cobrar os impostos e lançar outros sobre outros e o saccar assim a ultima camisa ao povo madeirense; mas indubitavelmente que, apesar de se ter feito algum melhoramento util, assim no concelho da Ponta do Sol, como pelos restantes concelhos da Ilha, é medonha a crise agraria actual da Madeira! . . .

Já agora estam os governos mais attentivos para as coisas da Madeira, é certo. Louvor, pois, aos que fomentam o bem estar do povo, por todos os modos; stigma na frente dos que só procuram a politica como um ganha pão, e d'aquelles desalmados estadistas que

podendo fazer a felicidade publica, deixam os povos morrer á fome!

(Continua).

UM FUNCHALENSE
assignante do «Progresso Catholico».

Os fructos da tal arvore

BO grande berreiro nos arraiaes do liberalismo-revolucionario, por que um dos seus mais laureados sacerdotes, o snr. Pinheiro Chagas, fóra arremessado ao lago do d'uma rua da capital, tombado pelas pauladas de um revolucionario exaltado.

Lastimamos o facto, porque havemos sempre condemnar todos os ataques á liberdade individual, todos os desmandos da pelinragem atrevida, todas as manifestações hostis aos bons costumes e ás doces praticas do Christianismo; mas não podemos deixar de vêr n'esse attentado, que tanto alvorotou a imprensa revolucionaria, o fructo das sementes nefandas, que essa mesma imprensa tem lançado sobre esta boa terra de Portugal, ensinando aos povos o desrespeito a Deus, primeiro, e depois o desprezo por toda a auctoridade.

Sim, é forçoso dizer-se, para que se saiba, que todos os desvarios, todos os transvios das intelligencias, todas as más acções e baixezas que o nosso povo vae praticando, são devidos ás más doutrinas ensinadas nos jornaes, nos romances indecentes e immoraes, nas brochuras e pamphletos anti-religiosos, não menos que pelo theatro obsceno e incendiario. Assim o confirma o *Dia*, um d'esses pasquins incendiarios, de que é redactor principal o snr. Antonio Ennes, escrevendo ha pouco que o chefe dos anarchistas, preso em Lisboa, chegára a taes *alturas* pela leitura dos jornaes, e depois pela dos livros. Mas não nos diz o snr. Ennes que foi pela leitura dos seus jornaes, pela assistencia ás suas comedias—*Lazaristas* e outras, onde é manifesta a negação de Deus, onde se doesta a Religião, que todas as paixões enfreia, e onde se provoca a gargalhada alvar das turbas contra os ministros do altar, os unicos que sabem e podem conter as massas dentro dos limites que lhe são reservados.

E culpa-se o governo de não saber ha mais tempo que havia em Lisboa um grupo de socialistas, e maldiz-se a policia, porque não tinha descoberto e gazufilado esse punhado de abutres, que só viu depois que o sangue do snr. Pinheiro Chagas tingiu os ladrilhos das ruas. E foi geral este grito, foi unisono, freneticamente repetido por todos,

sem que o governo nem a policia lhes soubessem responder.

Como havia o governo, como podia a policia descobrir os socialistas, os communistas, os inimigos do snr. Pinheiro Chagas, se o governo e a policia andavam na pista do inimigo que toda a imprensa revolucionaria lhe apontava? Quem se lembrou ainda em Portugal de chamar a attenção dos poderes publicos para essa propaganda socialista que á luz do dia se faz por esse reino, nas escólas, nos jornaes, nos livros, nos comicios, nos barracões de arlequins, nos theatros, por toda a parte? Quem, quem é que d'isso se lembra?

O inimigo, o grande inimigo que todos apontam, e que accusam aos governos e á policia todos os dias em artigos de gazetas estirados, desde o sino do *Conimbricense* até aos outros sinos, mesmo os tocados pelo snr. Pinheiro Chagas, é o jesuitismo, é o padre que passa os dias e as noites ensinando e praticando o bem; é a Irmã de Caridade, que gasta a saude e a vida nas escólas, nos hospitaes, nos albergues, em toda a parte onde ha misérias; é a mulher christã, é o cidadão de puras crenças, que frequenta os sacramentos, que tem por passa-tempo a igreja e por diversões a pratica das virtudes christãs.

Estes sim, que são os inimigos, e é para elles que os jornaes *livres* pedem o rigor das leis do marquez de Pombal, e chamam a attenção da policia.

Não se falla nas casas onde se conspira contra a Religião, contra as leis do paiz, contra o Rei, contra as instituições da monarchia, não, d'isso nada se diz; mas apontam-se as casas religiosas como antros de jesuitismo, como antros de prostituição, e as associações de piedade, como a das Filhas de Maria, como focos de desmoralisação e fanatismo!

E por isso os governos, que vivem e se sustentam ao *benefico* calor d'essas fogueiras do *progresso* chamadas jornaes, escutaram os seus clamores e tomaram precauções contra os padres, contra as Irmãs de Caridade, contra as Filhas de Maria, e deixaram correr o resto. Quem sabe se na occasião em que o snr. Pinheiro Chagas cahia na rua, a policia seguia de perto algum padre, que, pelas ruas de Lisboa, caminhava sobraçando o breviario, a ver se por baixo da batina lhe descobria a bocca de algum bacamarte? Ou atraz de alguma Irmã de Caridade, indagando se na manga do habito iria o punhal do assassino, emquanto outros vigiavam a porta da igreja, onde as Filhas de Maria estivessem em oração, não fosse de lá sahir o facho incendiario, que tudo havia carbonisar?

E se assim fizesse a policia cumpria bem e satisfazia ás imposições do jorna- lismo revolucionario. O peor é que o inimigo estava em outra parte, e em- quanto elles, os das *luzes*, pediam as leis do marquez de Pombal, cahia, fe- rido por um inimigo dos padres, da Religião e da sociedade, mas amigo das idéas do snr. Pinheiro Chagas no que toca a Religião, o mais festejado dos escriptores revolucionarios.

Não parece que a imprensa revolu- cionaria accusava os jesuitas para afas- tar as vistas da policia do sitio do crime?

Tomará ella agora juizo?

Elias de Sampaio.

O dia 4 de fevereiro no Seminario do Funchal

FUERO levar ao conhecimento dos leitores do «Progresso Catholico», a maneira como o Semina- rio do Funchal festejou o dia 4 de fevereiro, anniversario da sagração do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. Manoel Agostinho Barreto, que hoje rege os destinos d'esta Diocese.

Dizer que o Seminario d'este bispado deve a sua vitalidade e engrandecimen- to a tão inclito Pastor, parece superfluo para quem conhece de perto a activi- dade e o zelo que caracteriza o nosso Prelado, tornando-se por isso querido e estimado de todas as pessoas de bem, e para quem conhece a altura moral e scientifica a que este Instituto tem che- gado podendo talvez ser apresentado como modelo, não só pela piedade que Directores e dirigidos cultivam com sum- mo empenho, mas ainda pelos conheci- mentos scientificos que alli se adquirem indispensaveis nos presentes tempos ao Estado Ecclesiastico.

A philosophia thomista, a historia natu- ral e a physica são estudos necessa- rios a um sacerdote. N'este seculo de *luzes* e *progresso* é mui facil deparar com esses pretendidos *sabios* que se va- lem d'aquellas sciencias, para combate- rem as verdades mais fundamentaes da nossa Religião, e para assim deprecia- rem os seus ministros. Bem sabia o dou- to Prelado a illustração que é devida ao sacerdotio, e por isso tanto que as circumstancias lhe permittiram tratou de introduzir estes preparatorios como indispensaveis para a matricula no cur- so theologico. Mas, não contente com isto creou no seu Seminario um museu de historia natural e gabinete physico que é o primeiro d'esta ilha, augmen- tou o pessoal d'aquella casa, e para tu- do isto e muito mais que dizer se pôde, a sua generosidade é sem limites, não

conhecendo obstaculos alguns onde vê necessidades e repartindo ás mãos lar- gas os rendimentos da sua mitra.

Porem ia-me esquecendo dizer-lhes como o Seminario festejou o undecimo anno da sagração episcopal do seu amantissimo Prelado.

A's seis horas e meia da manhã cele- brou o R.^{mo} Snr. Vice-Reitor Ayres Pa- checo, missa, a que assistiu toda a comunidade preparando-se para a communhão receberem em sua alma o Pão dos Fortes.

A's sete horas, quem entrasse na ca- pella do Seminario divisava o quadro mais simples e ao mesmo tempo mais magestoso e augusto que é dado ver ao mortal n'este valle de lagrimas. Alas de seminaristas recolhidos em acção de graças entretendo-se com o seu Deus que possuam no coração e implorando para o seu Pastor as graças, forças e longanimidade de que tanto carece. A's dez horas toda a comunidade assistiu na Sé a uma missa cantada que alli se celebrou por este tão glorioso anniver- sario.

De tarde pelas cinco horas e meia estavam todos os seminaristas reunidos no portão, aguardando S. Ex.^a R.^{ma}; as- sim que chegou dirigiram-se para a ca- pella e á sua entrada todos cantaram em côro o *Domine salvum fac*, expondo-se em seguida o SS. Sacramento sendo cantado o *Te-Deum* e *Tantum-Ergo*.

Officiou o Ex.^{mo} Snr. Conego Mendes dignissimo Vigario de S. Luzia; assisti- do do R.^{mo} Snr. Vice-Reitor e do Snr. Padre Modesto.

D'alli dirigiram-se para um vasto sa- lão decorado com muito gosto e primo- rosos enfeites. Ao fundo elevava-se sob docel, um throno destinado a S. Ex.^a R.^{ma}, em frente ostentava-se o busto do immortal Pio IX. Do lado direito estava o brazão d'armas do illustre Prelado, que é uma cruz com a inscrição *Ave! Spes unica!* ladeado dos retratos do Santo Padre Leão XIII e de Pio IX. Do lado esquerdo estava o retrato de S. Ex.^a R.^{ma} pintado a oleo, obra de muito merecimento, e em letras douradas lia-se: *Duci intrepido—Doctori perlucido—Pastori vigilantissimi—Patri amanti.*

Além do illustre Prelado viam-se alli o corpo docente e discente do Semina- rio, alguns senhores Ecclesiasticos e grande numero de cavalheiros que tam- bem quizeram manifestar a sua grati- dão acompanhando os seminaristas n'aquelle regosijo que é a festa de tão extremoso Pae. Abriu com o hymno do Ex.^{mo} Prelado de *Maschek*, que no meu parecer, foi muito bem executado. Em seguida o alumno do segundo anno de Theologia, o Snr. João Joaquim de Car- valho discursou largamente sobre a di- vindade do Christianismo, comparou a Roma dos Cesares com a Roma de Cons-

tantino, a riqueza e o poder dos Au- gustos com a pobreza e humildade do Salvador, a influencia de que dispu- nhiam os sacerdotes da antiga lei, em presença d'esses pobres doze pescado- res galileus, que sem sciencia nem po- der queriam transformar toda a terra, prégando uma nova doutrina que ti- nha por chefe um Judeu crucificado. Devemos dizer que n'este passo foi fe- licissimo.

A admiração e o louvor de toda a as- semblea mostraram bem o agrado e a impressão que causou. Seguiram-se al- guns trechos de musica que muito agra- daram, sendo por isso freneticos os louvores e palmas que grangearam. Entre estes não deixaremos de notar «O canto do pastor—duetto vocal... Rimbault» executado por dois jovens seminaristas João Augusto d'Ornellas e Joaquim de Gouvêa, pois me pareceu primorosamente executado. Seguiu-se uma poesia recitada pelo seminarista Julio Valle cuja lettra me pareceu do R.^{mo} Ayres Pacheco, foi bellamente re- citada. Depois d'alguns trechos de mu- sica o talentoso seminarista Jacintho da Conceição Nunes subiu á tribuna pronunciando uma allocução em latim e traduzindo na lingoagem de Ciceró o objecto d'aquella festa e a alegria que lhe ia n'alma. N'esta 2.^a parte do pro- grammã não deixarei de mencionar o «Ave oh Cruz!» duetto que mereceu de toda a assemblea os mais entusiasti- cos applausos. Não deixarei passar em silencio os esforços que o Snr. José Sarmento, dignissimo Professor de mu- sica emprega, para apresentar os se- minaristas convenientemente prepara- dos; esforços que são dignos de estima e consideração e por isso aqui lhe dei- xo impresso o meu testemunho de lou- vor. Seguiu-se um dialogo em francez que foi executado por sete seminaristas e muito bem desempenhado.

Por ultimo o joven seminarista Luiz Maria de Freitas pronunciou um discurs- so que bem desejava visse a luz da publicidade e não fosse condemnado a habitar n'uma gaveta sempre fechada.

A declamação foi sublime e a lettra parece-me ser do R.^{mo} Snr. Padre Pa- checo intelligencia robusta e escriptor de reconhecido merito. A Madeira pô- de-se orgulhar de possuir este sacer- dote tão illustrado e incansavel, cuja penna d'ouro e eloquencia arrebatado- ra tem conquistado os maiores applau- sos, já na imprensa com o jornal *A Verdade* que tão habilmente redige, já no pulpito onde mais parece uma voz inspirada combatendo o vicio e engran- decendo a virtude do que a d'um sim- ples e despretencioso ecclesiastico.

Terminou esta festa com o hymno coral catholico consagrado a Leão XIII, de Rossi, findo o qual elevou a sua



OS DRUIDAS E SEUS SACRIFICIOS

magestosa voz o Ex.^{mo} Prelado, agradecendo aquelles justos entusiasmos, mostrando a espectação que depositava n'aquella parte mais amavel do seu rebanho, implorando o auxilio divino todos os dias sobre os seus seminaristas, o dever que estes tinham de corresponder aos beneficios que recebiam d'aquella casa e concedendo de todo o coração a benção que no ultimo discurso lhe fora pedida. Todos os assistentes receberam de joelhos tão santa benção, que devia gravar em seus peitos a indelevel recordação de tão jubiloso dia.

Um amigo do Progresso Catholico.

SECÇÃO ILLUSTRADA

XX

D. Martín Grivé y Cuni

A primeira plana do presente n.º damos o retrato d'um venerando religioso barbado, para mostrarmos os serviços que á sociedade prestam esses dedicados obreiros da civilisação, e para ir acostumando os *meticulosos* a ver barbas na cara dos missionarios, não vão amedrontar-se cada vez que ellas por terras portuguezas appareçam.

O heroe que hoje nos occupa recebeu ordens de presbytero em 1848, tendo antes obtido o grau de doutor em medicina. Em 1849, depois de ves-

tir o habito dos filhos de S. Domingos de Gusmão, foi, com outros companheiros, missionar para a Australia Meridional. Em 1862 foi nomeado por Pio IX, de santa memoria, administrador apostolico de Perth.

Em 1870 veio a Roma, onde foi preconizado Bispo titular de Tloa e n'este mesmo anno voltou a Barcelona, terra da sua naturalidade, *conservando as barbas que trouxera*, sendo nomeado Bispo de Perth pouco depois. Visitou a sua Diocese, os logares santos, e achou-se em Roma, no Concilio do Vaticano, *sempre com as barbas*. Depois de assistir ao concilio provincial de Sidney aggravaram-se-lhe os padecimentos, causados pelas muitas fadigas e trabalhos, fallecendo ha pouco mais de um anno, com 72 annos de idade.

Honrando assim a memoria do illus-

tre dominico, temos tambem em vista honrar as barbas d'um missionario.

XXI

Os Druidas—Sacrificios humanos

Não é intento nosso descrever esse povo barbaro, os seus usos e costumes, porque nos fallece tempo para tanto. Mais modesto é o nosso fim—mostrar o barbarismo dos sacrificios d'esses povos, e a missão providencial e civilisadora do Christianismo que os fez desaparecer.

Os Druidas não tinham templos e realisavam os sacrificios sobre grandes pedras, a que chamavam *dolmens*, como da nossa gravura se depreheende, collocando n'ellas as victimas depois de lhe cravar no seio um punhal, aparando lhe o sangue, sobre que o *sacerdote* fazia prognosticos. Forçoso se tornava que estes povos fossem em extremo barbaros e ferozes, para assistirem a tão repugnantes espectaculos; mas assistiam, e faziam-no com prazer.

Porem o sol da liberdade apenas appareceu na terra, espancando as trevas do obscurantismo e do fanatismo, illuminou toda a terra, dulcificou os costumes dos povos barbaros, fêz os ajoelhar aos pés da Cruz, e acabou com o monstruoso costume dos humanos sacrificios.

Salvé, Religião augusta do nosso Deus!

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Estão de luto os dois venerandos Prelados, que presidem à Egreja de Lamego.

S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. D. Antonio da Trindade, Bispo d'aquella Diocese, acaba de perder sua virtuosa mãe, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Thereza de Vasconcelos Pereira de Mello, fallecida no dia 12 de janeiro passado. Senhora de muitas virtudes, como nos dizem que era, não lhe faltarão na eterna patria as recompensas merecidas.

O Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. João Rebello Cardozo de Menezes, Arcebispo de Larissa, perdeu uma irmã extremosa, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Antonia Rebello Cardozo de Menezes, fallecida em Guimarães no dia 12 do corrente, depois de prolongados soffrimentos.

Era uma senhora de muita caridade,

prompta sempre em socorrer todas as miserias, pelo que foi muito sentida a sua morte. Não lhe faltarão tambem os premios de tantas virtudes.

A redacção do «Progresso Catholico» envia sentidissimos pesames a S. Ex.^{ma} R.^{mas} os Snrs. Bispo de Lamego e Arcebispo de Larissa, e pede a todos os leitores uma prece pelas almas das duas senhoras fallecidas.

Está tambem de luto o nosso bom amigo e amigo do «Progresso Catholico», o R.^{mo} Snr. Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedroza, digno Abbade de Santo Thyrso, pelo fallecimento de sua Irmã a Ex.^{ma} Snr.^a D. Angelina Amalia da Fonseca Pedroza.

Pedimos as orações de todos os leitores por alma da finada senhora, e damos sentidissimos pesames ao irmão enlutado.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Aos nossos bondosos assignantes

Como prevenimos os nossos illustres assignantes, ao terminar o 9.º anno, vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas por meio das repartições postaes dos diversos concelhos do paiz.

Dissemos que quem não tivesse satisfeito as suas assignaturas até á publicação do 3.º n.º do 10.º anno, fariamos a cobrança pelo correio, mas a rasão de 1\$000 réis por cada assignatura; mas não cumprimos o que disseramos n'este ponto, porque não queremos que julguem o «Progresso Catholico» uma empresa mercantil. Vamos fazer a cobrança pelo correio, pelo preço de 600 réis cada anno, acrescendo unicamente as despesas com a cobrança, que não excederão a 60 ou 80 réis. E levamos em conta estas despesas, porque é costume serem feitas pelos assignantes, e mesmo nada lhes custa dar mais 60 ou 80 réis, ao passo que nós, se fossemos a gastar 80 réis em cada assignatura, teriamos uma despesa por anno de 320\$000 réis em 4000 assignaturas.

Ficam, pois, prevenidos os nossos bons assignantes de que sacaremos contra todos pelas importancias

em divida de mais de um anno, incluindo o corrente, esperando que os que só tem por pagar o 10.º anno o façam por qualquer via, pois que por 600 réis não vale a pena a cobrança pelo correio.

Esperamos que todos satisfaçam, e mais desejamos o façam antes que nós saquemos, pois nos tiravam trabalho.

Iremos annunciando os concelhos para onde são mandados os recibos.

Principiamos esta revista quinzenal dando publicidade a dois documentos de summa importancia e que muito honram os signatarios dos mesmos.

O primeiro é copia de uma carta que o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Vice-Reitor do Seminario de Faro dirigiu ao redactor do *Districto de Faro* desfazendo os alleves que o mesmo publicára contra S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve; o segundo é uma adhesão dos perfeitos e alumnos do Seminario de Lamego ao protesto que o Cabido e Professorado da mesma Diocese lavrara contra a imprensa impia, athea, que ousou pôr em duvida as boas e santas intenções de venerando, respeitavel e virtuoso Arcebispo de Larissa.

Eis a carta do Ex.^{mo} e R.^{mo} Vice-Reitor do Seminario de Faro:

«Ex.^{mo} Snr. Redactor do «*Districto de Faro*».

A proposito da local intitulada *Suicidio* inserta no n.º 624 do seu jornal que, certamente por excesso de generosa camaradagem, não foi visada por V. Ex.^a, com manifesto gravame de sua responsabilidade jornalística, venho pedir a publicação d'esta ligeira cartaprotesto contra as de todo o ponto injuriosas expressões ousadamente formuladas pelo auctor da noticia, em menoscabo de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo Bispo d'esta Diocese do Algarve.

Não tento defender quem por merito proprio e pela mesma natureza do assumpto está sobejamente defendido; venho simplesmente, em abono da verdade, da justiça e da mesma civilidade,—como exemplarmente cumpre ao meu papel d'educador seminaristico,—protestar contra a profunda desvirtuação dos factos, original irreverencia de linguagem e ridicula insinuação de ameaças com que o articulista moral e litterariamente patenteia as suas technicas qualidades de membro da imprensa que só foi feita para orgão da verdade e do bem.

Toca, não a mim, mas ao R.º Parocho da Sé e a mais alguém que officialmente tenha figurado na organisa-

ção do respectivo processo, peremptoriamente declarar a forma exacta das occurrencias que o auctor do artigo de turpa; a fim de que a opinião apure de que lado está a alludida «ferocidade». Que os *briosos patricios* do auctor da local se *ufanem de liberaes*, é nota que não contesto, e muito menos censuro; mas que elles, mesmo «em justa manifestação de desagrado» se ostentem capazes de tão pouco verdadeiros, justos e delicados, é o que eu solemnemente repillo,—como a isso me autorisa e obriga a minha experiencia de seis annos já decorridos. Que elles, pois, agradeçam ao localista a *maneira distincta* com que quiz apresental-os ao paiz que o jornal corre, e que o Partido regenerador da provincia lhe concedore o zêlo com que acredita o seu periodico-orgão; porque eu pela minha parte, e em fecho do meu protesto desde já me risco do numero dos seus assigantes e (sem offensa para o Sr. Redactor) declaro absolutamente prohibida a entrada do «*Districto de Faro*» em o Seminario que administro.—De V. Ex.ª mt.º att.º ven.º obg.º.—*Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto.*»

Eis a adhesão ao protesto do Cabido de Lamego:

«Nós abaixo assignados, Prefeitos e alumnos do Seminario de Lamego, altamente magoados pelas nefandas, abjectas e degradantes expressões que alguns jornaes anticatholicos d'este paiz, estimulados por esses phantasmas e sycophantas das Lojas maçonicas, propalaram contra o nosso venerando Prelado, o Ex.º e R.º Senhor Arcebispo de Larissa, a quem do intimo do coração anamos e veneramos, e por cuja defesa estamos promptos a derramar se tanto fôr preciso, o nosso proprio sangue, adherimos ao protesto que o Ill.º Cabido da Sé Cathedral d'esta cidade e dignissimo Professorado do mesmo Seminario levantaram, e mandaram publicar em alguns jornaes religiosos:

Padre Bernardo Joaquim Teixeira de Vasconcellos (Prefeito), Padre Manoel da Cunha Fernandes (Prefeito), José Pereira Pinto, Agostinho Ruivo Correia, Jacintho Antonio Direito, Agostinho da Rocha Pires, Antonio Joaquim Paixão, Antonio Guedes de Lima, Joaquim José da Costa, Alfredo da Fonseca Chaves, Joaquim Ribeiro de Almeida, José Antonio da Silva, José Antonio Martins Luque, João Manoel de Barros, Albino Fernandes Pereira, José Joaquim Baptista Lamas, Joaquim Alberto da Costa Santos, Abel Fernandes da Cunha, José Joaquim Ferreira, Sebastião José Ribeiro, Manoel de Lemos Ribeiro, Balthazar Ribeiro de Jesus, Abel Maria de Sousa, Antonio Teixeira Mendes de Carvalho, Antonio Joaquim de Miranda Mendes,

José Rodrigues de Almeida e Castro, Joaquim da Motta Machado, Antonio Augusto de Almeida, João Manoel Ribalonga, José de Almeida Quintella, Antonio Vaz Correia de Almeida, Alfredo Augusto Pinto de Vasconcellos, José Bernardino Correia Guedes, Antonio Manoel da Silva Pinto Abreu, Manoel Botelho Dias, Bento Alves da Rocha, José Rodrigues Pinto Cardoso, Bernardino de Azevedo Couto, Luiz Marianno Ribeiro, Miguel José Carlos da Cunha Silveira e Lorena, Alberto Pereira Cardoso, Alberto Teixeira Dias, Severino Pinto Ferreira, Manoel Julio Alves Teixeira, Alfredo Mergulhão Cabral Macedo e Gama, Alvaro Augusto Teixeira, Antonio Bernardino Martins, Antonio Borges Pinto, José Faustino de Carvalho, José do Carmo Saraiva Tavares Furtado, Joaquim da Silva Ferreira, José Pereira Cardoso, Pedro Rodrigues, Marcolino Arthur Cabral, Antonio Joaquim Marçal, Manoel da Noiva, José Maria da Costa Pinto, Manoel Marques da Silva, José Maria da Costa, Camillo Antonio de Almeida Silvano, Joaquim Teixeira Dias, José Augusto Pinto, Domingos Alves de Mattos, José Carlos Pereira, Eduardo dos Santos, Carlos Augusto dos Santos, Eduardo Rezende Rego, Emilio Carneiro dos Santos, Fausto Guedes Alvim, José Gomes de Campos Ferreira, Innocencio Peres de Noronha Galvão, José de Gouveia Cardoso Avellar, Francisco Pinto Ferreira, Jayme da Conceição, Jeronymo de Mattos Ribeiro dos Santos, João Antonio da Costa Pereira, José Maria Correia Telles, Manoel Gonçalves Costa, João Augusto de Freitas, João Baptista Vaz, Manoel Botelho Chaves, João Chrysostomo Alves de Carvalho, Lourenço de Mattos Cordeiro, Justino Augusto de Freitas, José Teixeira de Macedo, João Manoel Sobral, João Maria Baptista de Lima, Joaquim Alves Moutinho, Joaquim Dias Forte, Augusto Ferreira de Lima, José dos Santos Nunes, Joaquim Rodrigues Moreira, Antonio Bernardo de Mattos, Antonio Cardoso de Andrade Junior, José de Oliveira, Antonio de Padua Correia, Antonio Joaquim Saraiva, José Maria Pereira Alves Sanches, Luiz Guilherme Lopes Pêgo, Adriano de Serpa Pinto, Antonio Julio Correia, Antonio dos Santos Affonso, Joaquim Garcia, Augusto da Rocha Reimão, Augusto José Pereira Gomes.»

Terminou no dia 8 do corrente a missão que em Moreira de Conegos do concelho de Guimarães fizeram os muito R.ºs Padres José Oliveira, Bacellar e Carvalho, ajudados por varios ecclesiasticos dos arredores. Foi, como todas, de muito proveito e fructo para aquelles povos, o que bem alto proclama a imponente communhão geral, que teve logar no dia da conclusão,

aproximando-se da mesa eucharistica mais de 700 pessoas!

Por esta occasião installou-se o Apostolado da Oração e liga do Sagrado Coração de Jesus, esse manancial de graças que tanto bem vae produzindo nas localidades onde é creado.

Bem haja quem promove estas missões para afastar os povos do communismo e do socialismo e para livrar a sociedade, dulcificando-lhe os costumes, das cacetadas de qualquer palerma, embriagado com idéas anti-christãs, mais ainda que com o summo da parra.

Venham as missões por toda a parte, para desfazer o que faz a má imprensa.

Os jornaes estrangeiros confirmaram-nos a noticia que o telegrapho havia dado da morte do R.º Padre D. João Bosco. Effectivamente no dia 31 de janeiro, ás quatro e tres quartos da madrugada, deu sua alma ao Creador o grande apostolo d'este seculo, o fundador da obra que se tornou, em sua vida, europea, das officinas salesianas e do instituto religioso do mesmo nome.

Conhecem, de certo, os nossos leitores a vida d'este santo, tão cheia de virtudes e sacrificios em bem da humanidade, e que hade, com toda a certeza, apparecer na historia em meio das mais bellas figuras d'este seculo.

Depois do amor de Deus, todos os seus affectos eram para os pobresinhos, para as creanças abandonadas, creandolhes em diversos pontos do mundo magnificos asylos, que são outros tantos palacios, onde a caridade mora, e onde os pobresinhos recebem, com a mais esmerada educação religiosa, o aperfeiçoamento nas industrias e officios a que se dedicam.

A Congregação Salesiana, por meio do seu actual superior geral o Padre Miguel Rua, dirigiu uma circular a todos os seus amigos e cooperadores supplicando lhes sullragios pela alma do seu fundador.

Unimos as nossas ás supplicas dos R.ºs Salesianos.

Dizem os jornaes que um joven advogado de Sevilla, muito conhecido nos circulos elegantes, entrara para a Companhia de Jesus.

Ora esta! E todos os lumiares da civilização e do progresso a chamar retrograda e obscurantista a Companhia de Jesus, e ella ainda a fazer jesuitas! Sempre é bem certo que são mais as vozes que as nozes!

Espantoso! altamente inaudito! Um despacho de Roma de 12 do mez passado dizia terem sido demittidos tres *maires* de municipalidades da alta Italia, por haverem firmado uma exposi-

ção dirigida ao parlamento, pedindo a restituição do poder temporal do Pontífice.

Ora esta! Pois não nos estão todos os dias os jornaes revolucionarios a dizer que *toda* a Italia está satisfetissima com a usurpação feita ao Papa?

E' que a verdade vae apparecendo, mostrando que os italianissimos são muito tolerantes. A noticia é do *Pi-meiro de Janeiro*.

Felicitemos cordealmente o nosso collega bracarense—*Cruz e Espada* por encetar o 7.º anno da sua publicação, durante o qual lhe desejamos prospera vida jornalística e a coragem até hoje não desmentida.

Frades! Pois ainda se falla em frades, por essas terras de Christo? Ha ainda algum espirito fraco, que se deixe arrastar por essas ideas retrogradadas que imperavam nos seculos medievaes?

Frades! quem falla em frades no seculo das luzes?

E' isto o que se ouve amiudadas vezes a certos *pequenos* que não sabem o que dizem, e que julgam o mundo todo em Portugal, mettido sob a pasta dos ministros revolucionarios, onde pára ainda a tyranissima lei que fechou as portas dos conventos.

Mas é mentira o que os pequenos dizem. Lá por fóra ha frades, todos os dias se fazem novas profissões, e para frades vão os principes das mais nobres casas da Europa. Ora leam:

«No dia 24 de Novembro ultimo o Cardeal Alimonda, Arcebispo de Turin, deu o habito monacal ao principe Augusto Czartorysk, da antiga familia real da Polonia.

O principe entrou no Congregação saleziana de D. Bosco.»

E esta, dirão agora!

Para os que julgam que se vive n'um

mar de rosas, e que acham que a Egreja, o Clero leva uma vida desassombrada e livre, bom é que demos publicidade á seguinte noticia, a ver se com ella abrimos os olhos a muitos cegos, e damos tambem luz aos que só cuidam de satisfazer caprichos e vinganças, muitas vezes com grave prejuizo dos interesses religiosos.

Leia-se e admire-se o *progresso*:

«Na celebre cathedral de Rouen deu-se terça-feira passada uma serie de acontecimentos deploraveis pela feição escandalosa.

O abbade Garnier subiu ao pulpito a fim de realisar uma conferencia religiosa annunciada. O templo estava completamente cheio. No momento em que o orador se preparava para começar a conferencia, rebentou uma tempestade de assobios, gritos sediciosos, injurias—perfeito inferno! A' musica do órgão succedeu a *Marselheza* entoada pelos manifestantes e logo depois a ridicula canção *C'est Boulange qu'il nous faut!*

Ao cabo de meia hora de tumulto e de resistencia do abbade Garnier—que se esforçara por usar da palavra, a policia tomou a resolução de intervir, fazendo evacuar o templo.

Na praça principal de Rouen, em frente da cathedral, agglomerou-se uma multidão composta de cinco a seis mil pessoas, reproduzindo-se as manifestações.

A policia ainda d'esta vez interveiu, fazendo dispersar os manifestantes.

Esperava-se a repetição d'aquellas scenas.»

Mestre NN o dos *Lazaristas*, e agora do *Dia* dáva nos ha dias a seguinte noticia:

«Vão ser recolhidos ao museu nacional todos os objectos que tenham valor artistico, existentes nos conventos ultimamente extinctos, e que os prelados das dioceses a que aquellas casas mo-

nasticas estavam sujeitas teem feito reter ou solicitado a sua distribuição pelas egrejas pobres, sem lhes importar o merecimento nem a utilidade que taes objectos possam ter na arte, quando expostos nos museus publicos.

O que é mais para lamentar é que um grande numero d'estes objectos tem desaparecido sem se saber como.»

Este NN tem cousas! Pois não tem uma palavra com que estygmatisse o proceder dos governos que querem levar os objectos proprios do culto para um museu? Para que foram feitos todos esses objectos se não para esplendor do culto, para mais realçar a magestade das festas religiosas? Com que direito querem levar para um museu, quando faltam nas egrejas?

Estes governos e estes NN tem cousas!...

J. de Freitas.

ANNUNCIOS

Septenario das Dores do N. Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas devotas, pelo que tem todos os annos uma procura extraordinaria.

1 volume de 47 paginas 60 rs.

Quem comprar 3 exemplares, custa 120 réis francos de porte, pelo correio.

Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

Excelente brinde

Vende se por 10 libras, metade do seu custo, um esplendido exemplar do missal d'Estevam Gonçalves. E' edição de Paris, e um primor d'arte. Dirigir ao sr. Francisco Pereira Cardoso, rua da Rainha, Guimarães.

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS

Por MR. CHANTREL

Versão portugueza, por Antonio José de Carvalho

Approvada e recommendada ao Clero da sua Diocese pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto, e approvada pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs. Bispos de Angra do Heroismo, Funchal e Lamego

2.ª EDIÇÃO

Está distribuido o 1.º volume aos snrs. subscriptores, em harmonia com o programma da publicação, e breve será enviado o 2.º, a todos que antecipadamente enviarem a sua importancia.

Subscrição permanente

Preço de cada volume, por assignatura 1\$200

Para os assignantes do «Progresso Catholico», que tenham pago a sua assignatura, 900 rs.—Depois de concluida a publicação, custará cada volume 1\$500, ou 6\$000 rs. a obra completa—4 volumes.

Não se envia volume algum sem que seja pago anteriormente.

Assignatura e importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.